

Parte I - Os dados e suas análises **Tempo discente**

Adilson Citelli

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CITELLI, A. Tempo discente. In: CITELLI, A., ed. *Comunicação e educação: dinâmicas midiáticas e cenários escolares* [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2021, pp. 115-122.

Comunicação e educação series, vol. 7. ISBN: 978-65-8621-337-9.

<https://doi.org/10.7476/9786586213379.0010>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Introdução

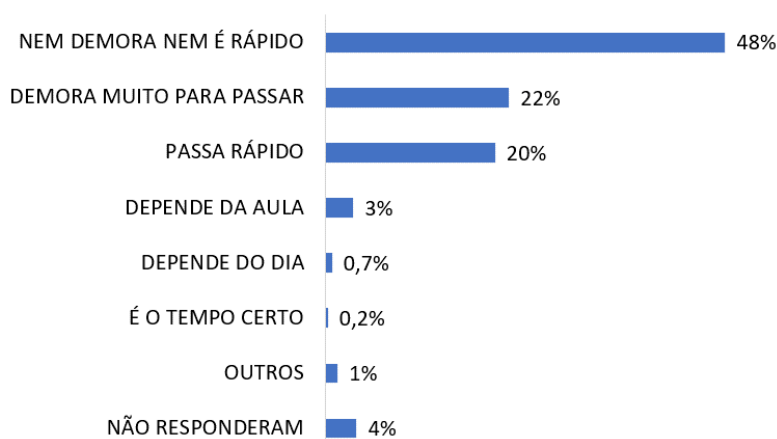
Assim como feito com o tópico *Tempo Docente*, aqui buscaremos verificar, a partir das figuras, comentários e análises subsequentes, como os/as estudantes manifestaram-se acerca das diversas facetas da temporalidade que os afetam: na aula, nas relações com os meios de comunicação e nos trânsitos sociais. O ambiente sociotécnico que ensejou as ponderações sobre os professores e professoras pode ser, aqui, recuperado, haja vista tratar-se de um mesmo ecossistema no qual vicejam toda sorte de dispositivos e marcadores da cultura digital. Estabelecidos os devidos ajustes de natureza econômica, social, cultural e etária, discentes e docentes encontram-se imersos naquilo por nós chamado na Introdução deste livro de “grande transição” — a mudança de certos paradigmas da sociedade analógica para os modelos organizadores da que vem sendo chamada de quarta revolução industrial.

Entretempos

A seguir exporemos os dados da investigação realizada junto ao corpo discente, considerando-os nos cruzamentos entre questionários, entrevistas, observações em aula e outros espaços escolares, sempre mirando o assunto que envolve a temática temporal. Os comentários e análises intentam constituir visão mais ampla do fenômeno em tela quando remetido à educação formal. Uma das perguntas enunciadas visava a saber se alunos e alunas estabeleciam padrões comparativos acerca da aceleração temporal, mirando, de um lado, o ambiente físico da sala de aula, e, de outro, os dispositivos técnicos de comunicação.

Havia a possibilidade de o/a entrevistado/a indicar mais de uma alternativa. Para fins de análise foram destacadas as três com maior recorrência. A faixa dominante da amostra, 50%, respondeu que ao operar com a internet e o celular, o tempo corre mais rápido do que no espaço restrito da sala de aula. O direto oposto deste grupo responde por 13%, ficando um número significativo, 31%, em posição de neutralidade, entendendo inexistirem diferenças perceptíveis no tangente à passagem do tempo, quando se está em aula ou diante das trocas e acessos a mensagens via dispositivos de comunicação. No gráfico a seguir, busca-se entender um pouco melhor a relação tempo-aula.

Figura 1 - O tempo da aula



Fonte: MECOM (2019).

A maioria dos entrevistados, 48%, considera ser de boa duração o tempo decorrido ao longo de uma aula. Os dois outros grupos são quase idênticos entre os que entendem existir lentidão (22%) e rapidez (20%). Ou seja, neste segmento não se apresenta o tipo de manifestação expressa na figura anterior, que atribui a sensação de maior apressamento do tempo quando são acionados os dispositivos digitais de comunicação. No caso presente, formulamos indagação aberta complementar, a ser respondida por escrito¹. E os proferimentos, consideradas as três variáveis acima, ora diziam respeito a professores e professoras (estado de ânimo, tom de voz, ritmo expositivo,

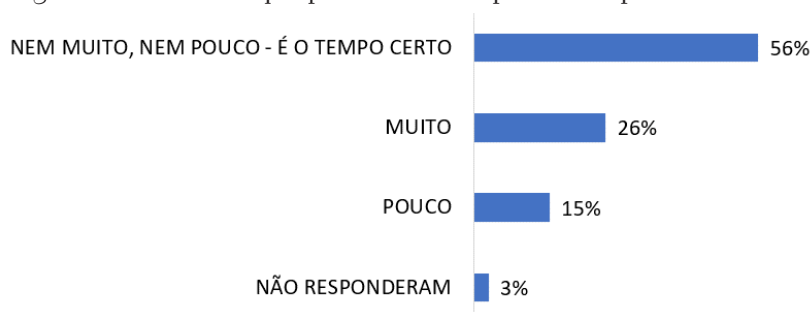
1 As solicitações abertas foram preenchidas por grande número dos/das 3708 discentes participantes. Muitas respostas estavam incompletas ou reiteravam aspectos comuns e mesmo desviavam do que se perguntava. Entretanto, foi possível trabalhar com uma amostragem extremamente significativa, de que serão apresentados alguns exemplos nesta e em outras figuras.

capacidade de motivar) ora a estudantes (disposição, interesse pela matéria, identificação com disciplinas e docentes). Seguem algumas falas:

“Quando a aula tá legal passa rápido e quanto tá chata passa devagar”; “Às vezes eu não entendo a matéria, aí demora a passar as horas”; “Sin- ceramente depende dos dias e aulas, uma certa aula às vezes faz parecer com que o tempo passe mais rápido, como por exemplo a Educação Físi- ca”; “Às vezes me estresso mais nas explicações e quando não acho muito interessante a aula fica demorada”; “Passa rápido porque eu tenho ami- gos para conversar, atividades para realizar. Eu não vou pra escola pra ficar parada e sim aprender”; “Quando você se interessa pelo conteúdo da aula e presta atenção no professor nem vê as horas passarem”; “O tempo é relativo a cada pessoa, ou seja, para mim pode passar rápido, mas para outra pessoa pode passar devagar”; “Quando nós estamos em casa parece que o tempo é tão rápido, quando estamos na escola parece que o tempo fica mais devagar”; “Quando a aula é sempre a mesma coisa, cansa demais. Mas quando entra um professor que usa um mate- rial diferente, uma conversa divertida, chama mais a atenção, fazendo passar mais rápido do que as aulas que são cansativas”.

Como se verifica, o problema atinente ao ritmo temporal duran- te a aula tem base em fatores objetivos e subjetivos, de que servem como exemplos: empatia com as/os docentes, maior ou menor interesse por certas disciplinas ou conteúdos ministrados, tipos de materiais utilizados e que atra- em ou não o/a discente, expectativas com relação à escola etc. Em síntese, é possível afirmar que para o/a aluno/a do ensino básico alcançado pela nossa pesquisa, o tempo da aula tende a ser percebido ou sentido conforme as relações estabelecidas entre os vários elementos postos em cena, quer como decorrência de fatores mais perceptíveis, e de fácil visualização, quer como expressão de manifestações afetivas ou emocionais. A pergunta em tela diz respeito, portanto, a uma situação concreta, aquela afeita à sala de aula, e no interior da qual os sujeitos vivem as suas dinâmicas temporais. Buscamos no gráfico subsequente ampliar a pergunta a fim de saber como o/a discente percebe a passagem do tempo na escola. Aqui é necessário ter em vista o conjunto de atividades envolvendo desde as aulas, avançando pelos nexos mais abrangentes — nas quais se inscrevem as vivências nos intervalos, os en- contros no pátio, as conversas variadas pelos corredores — até as iniciativas, em particular quando dizendo respeito às unidades educativas possuidoras do turno expandido, com a montagem de peças teatrais, feitura dos jornais ou rádios escolares, as disputas esportivas e políticas pela direção dos grêmios estudantis, dentre outras.

Figura 2 - Você acha que passa muito ou pouco tempo na escola?



Fonte: MECOM (2019).

Aqui, a tendência verificada na tabela anterior, de certo ajuste temporal do/a aluno/a à aula se repete no tocante ao período passado na escola. Neste caso, 56% responderam cumprir jornada adequada dentro da unidade educativa; para 26%, o lapso é demais longo, enquanto 15% consideram-no exíguo. Sem desconhecer as implicações trazidas pelo fato de quase 1/3 dos discentes estar desconfortável com o que chamaremos de “tempo escolar”, constata-se que não há conflito de maiores dimensões. Ou seja, quando se examina apenas a relação do/a aluno/a diretamente com a aula ou com a escola, os indicadores não ficam tão díspares, e o problema da aceleração temporal, ainda que presente, ganha menor evidência.

Entre algumas manifestações dos/das discentes é possível ler avaliações positivas ou negativas concernentes ao tempo integral passado na escola. Como já referido, todas as citações, além de outras do mesmo teor, podem ser encontradas no tema reservado às *Falas de Docentes e Discentes*:

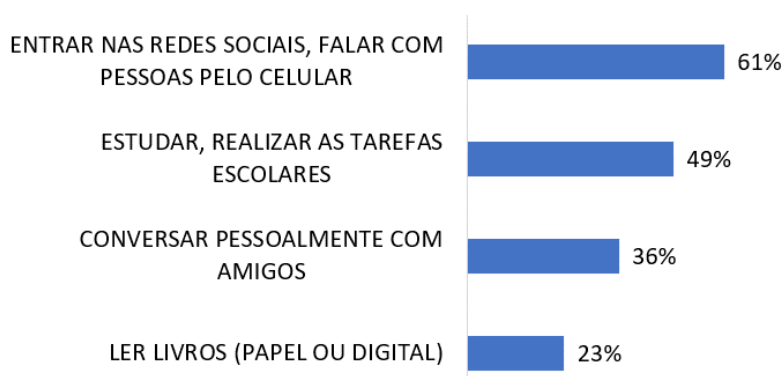
“Como estudo em tempo integral, parece que a hora não passa nunca”; “Como estudo 3 dias o dia todo e como gosto de estudar, na maioria das vezes o tempo passa rápido”; “Eu estudo em tempo integral, mas gosto de estudar então para mim não demora e nem passa rápido”; “Na escola, tem aulas que passam rápido porque, inclusive, são as melhores, aquelas que a gente se interessa demais. Acho que além das aulas tradicionais pela manhã, a tarde tínhamos que ter aulas mais leves, como esportes variados, como karatê, judô, artes”. “As cinco horas na escola é muito tempo”².

Por não se incluir nas perguntas referências aos meios de comunicação e aos recursos tecnodigitais, fica o/a aluno/a, aparentemente, menos

2 Da coleção de respostas, apenas esta última fazia restrições ao tempo decorrido na unidade, mesmo em regime parcial.

pressionado/a no sentido de fazer comparações entre as temporalidades, digamos, próprias dos requisitos didático-pedagógicos e as demais, aquelas ancoradas no smartphone, na internet, nos apelos de certos mecanismos produtivos orientados pelo *just in time*. Entretanto, quando ampliamos o espectro da pergunta remetendo a questão da temporalidade vivida pelo/a discente ao universo que fusiona tópicos distintos e de ordens nem sempre recorrentes, como os das redes sociais, dos estudos formais escolares, dos sites de relacionamento, verificamos certa mudança de cenário, segundo aparece abaixo. A indagação permitia fossem cruzadas várias respostas.

Figura 3 - Você dedica mais tempo para:

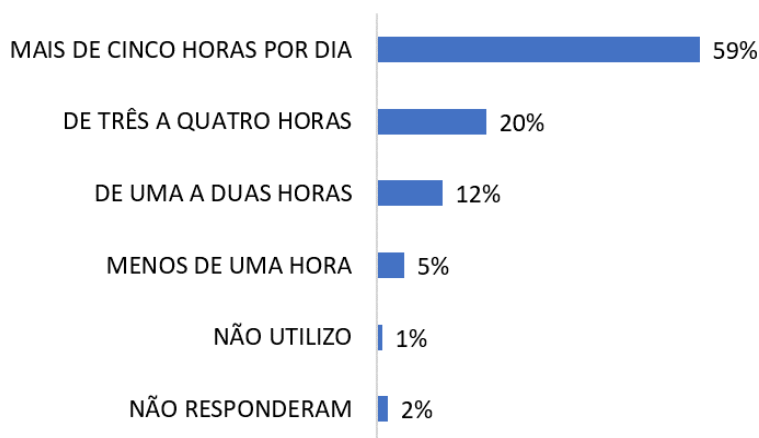


Fonte: MECOM (2019).

A alternativa com maior contingente de respostas (61%) diz respeito ao acesso às redes sociais; as outras concernem a procedimentos que não mostram, diretamente, os dispositivos digitais, excluído o item *ler livros em papel ou suporte digital* (23%). A segunda indicação é afeita à realização das tarefas escolares (48%), seguida de bate-papo presencial com amigos (35%). De todo modo, chama atenção a ocorrência de alguma equidade entre os/as entrevistados/as quanto aos mecanismos de maior ou menor aceleração social do tempo. Tal assertiva, entretanto, apenas reflete situação localizada, na qual explicita-se algo evidente: o destaque visando ao acionamento de suportes conectados à tecnosfera, ao lado de atividades, digamos, mais tradicionais, envolvendo a conversa presencial com amigos. A se perguntar como acontece o ritmo temporal nos encontros face a face, das conversas descontraídas entre discentes — fator, em tese, de natureza mais individual. Ou, ainda, permanecem as marcas da fragmentação, das descontinuidades, dos mecanismos minimalistas do Twitter, dos emojis? Enfim, subsistem os

“sintomas do apressamento” — aquelas atitudes, condutas, posturas associadas à velocidade, mesmo nas circunstâncias para as quais os mediadores técnicos deixam de ser convocados? Para efeito de resposta a esta pergunta, agregamos alternativas incidentes sobre o uso das tecnologias digitais. Veja-mos algumas delas.

Figura 4 - Quantas horas por dia você utiliza internet?

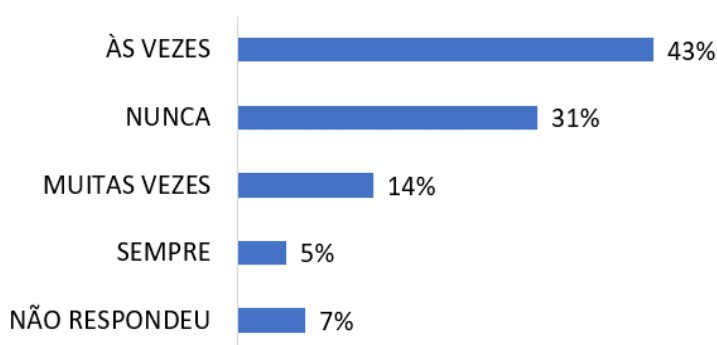


Fonte: MECOM (2019)

Verifica-se, em quantidades de horas variadas, que 96% da amostra mobilizam diariamente a internet, dispositivo comunicacional apoiado de maneira decisiva na aceleração do tempo. Para 59% dos/das entrevistados/as, o período de acesso à rede digital excede as 5 horas por dia, enquanto 20% o faz ao longo de 3 a 4 horas; ou seja, 79% empregam significativa jornada cotidiana às conexões, toque e cliques permitidos por computadores, celulares e tablets.

Em seguida, procuramos saber acerca da relação entre tempo dispendido para acessar a internet e a atividade realizada; como a pergunta permitia mais de uma resposta, foi fixada uma ordem de maiores para menores indicações.

Figura 5 - Você já deixou de fazer alguma tarefa escolar pois ficou muito tempo conectado à internet?



Fonte: MECOM (2019).

Ainda que a resposta nunca (31%) seja expressiva — malgrado tal grupo não esteja, necessariamente, fora da internet noutros momentos, como se leu na Figura 5 —, a soma das indicações *às vezes* (43%), *muitas vezes* (14%) e *sempre* (5%) representa 62% da amostra. Noutros termos, expressiva maioria dos entrevistados, em algum momento, comprometeu a realização de tarefas escolares haja vista permanecer por intervalo mais longo conectado à WEB. Trazendo a questão para o problema de fundo sobre o qual nos debruçamos: é preciso que o sistema educativo formal dispense olhar atento à temática temporal envolvendo seja o espaço restrito da sala de aula seja o implicado com os dispositivos comunicacionais. Como se trata, agora, de observar a existência de áreas de cruzamentos entre aqueles dois tempos, haja vista as fertilizações e contaminações entre eles, sobretudo quando nos posicionamos para olhar a questão a partir dos *mobiles*, da internet, dos “intensificadores de velocidade”, não se pode mais elaborar os planejamentos escolares abstraíndo-a, como se já não estivesse presente na vida cotidiana dos/das discentes.

Partindo da premissa de Rosa (2013) de que a modernização é uma experiência conexas à celeridade, constatamos que a ocupação do tempo majoritariamente feita nas redes sociais revela que os/as estudantes estão vivendo no miolo dos ativadores de velocidade. Relações mais sólidas, estruturadas e duradouras perdem espaço frente às fragmentações, aos vídeos curtos e aos prazeres imediatos. Diversos depoimentos colhidos junto aos 3708 estudantes em perguntas abertas apontam para sinais de impaciência e reclamações em relação a um tempo que passa devagar quando se está “fora” da internet.

Conclusão

Em resumo das tabelas anteriores, deduz-se a existência de um quadro no qual se revela a convivência entre os tempos institucionalmente escolares e aqueles atravessados pelos intensificadores de velocidade, ancorados, sobretudo, nos dispositivos digitais, à maneira dos smartphones. O exame mais próximo do funcionamento da sala de aula e dos comportamentos dos seus/suas estudantes fornece elementos para ampliar-se o debate acerca de futuras políticas e projetos a serem encetados pelos discursos didático-pedagógicos no propósito de incrementar mecanismos que, *pari passu*, preservem as singularidades do tempo escolar e tenham no horizonte as dinâmicas dromológicas em curso, conforme nomenclatura de Paul Virilio (2015).

E servem como exemplos capturados pela nossa pesquisa e dispersos nos comentários às figuras o fato de existir amplo uso do celular e da internet, e de aplicativos como o WhatsApp, Facebook, YouTube etc. Do mesmo modo, detecta-se a fragilização no acesso às chamadas mídias tradicionais: a televisão aberta ou por assinatura, por exemplo, deixa de ser meio de comunicação hegemônico entre os/as jovens; as plataformas de vídeos e filmes recebem mais do que o dobro de menções quando comparadas aos programas televisivos. Em termos gerais, o tempo dispendido pelos/pelas discentes junto às redes sociais ultrapassa em cerca de 10% aquele dedicado aos estudos formais, na razão de 60% para o primeiro caso contra 50% para o segundo. Igualmente, é maior o tempo dedicado aos relacionamentos virtuais do que aos presenciais — malgrado os alunos e alunas se encontrem quase todos os dias na escola, são poucos os laços de sociabilidade construídos entre eles.

O que resta, nesta síntese, é a possibilidade de generalizar alguns dados cujo caminho aponta para uma espécie de internalização sociotécnica a provocar mudanças nas formas como o tempo é percebido e mesmo operado pelos/pelas discentes no interior das salas de aula e demais espaços escolares.

Referências

ROSA, H. **Social Acceleration**. A New Theory of Modernity. New York: Columbia Press University, 2013.

VIRILIO, P. **Estética da Desaparição**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.